

A dinâmica de grupo vs individualidade

Cíntia França¹, Derek Freitas¹, Luísa Carvalho², Ana L. Correia¹

¹ Universidade da Madeira, ² Escola Secundária Jaime Moniz

Resumo

A importância das dinâmicas grupais emerge de uma sociedade que necessita de articular diferentes unidades para um desenvolvimento funcional e sustentável, nas suas mais diversas vertentes. A complexidade, presente no processo de interação social, resulta das diferenças existentes entre os indivíduos, assim como dos comportamentos e ideias dos grupos. Neste sentido, torna-se estruturante o estudo e a compreensão desta suposta dicotomia, que parece estar na base do desenvolvimento diferencial da sociedade humana.

Na conceptualização de dinâmica de grupo, o conceito de interdependência é fundamental, pois articula as diferentes individualidades, encarando a relação grupal e o indivíduo para além de uma dicotomia concebida. A relação interdependente surge como ponto fulcral quer no relacionamento entre indivíduos do mesmo grupo, quer entre o grupo e o indivíduo, na medida em que num grupo é fundamental que cada indivíduo conheça as suas potencialidades e que as disponibilize para o grupo, assim como o grupo seja um espaço para o indivíduo desenvolver as suas capacidades (Alves & Seminotti, 2006).

A análise entre as dinâmicas de grupo e o indivíduo levantam algumas questões, nomeadamente na formação do Homem, em que, a educação escolar contemporânea e não só, apresentam implicações na preparação do aluno para a vida em sociedade, não descurando nunca a sua individualidade. Neste sentido, a disciplina de educação física, bem como a prática regular de atividades desportivas, pelas suas características, surgem como um contexto potencial e promotor deste tipo de dinâmicas e interações.

Palavras-chave: dinâmica de grupo, individualidade, interdependência, educação física, desporto.

Introdução

O entendimento da importância das relações grupais emerge de uma sociedade que necessita de articular diferentes unidades para um desenvolvimento funcional e sustentável, nas suas mais diversas vertentes. A complexidade deste processo interativo faz com que sociedades, culturas e indivíduos se distingam entre si, propagando-se diferentes comportamentos e ideias, quer sociais, quer individuais. Nesta perspetiva, as diferenças existentes entre as sociedades e culturas residem no enfoque colocado no papel do indivíduo, como também no papel do grupo, já que esta suposta dicotomia, de natureza sócia antropológica, está na base desenvolvimento diferencial das sociedades humanas (Hofstede, 1980).

Na integração desta lógica, Ciochinã e Faria (2008) referem que quando o indivíduo representa a unidade de análise e perceção social, assim como uma instância de ação concreta e afetiva independente dos outros, considera-se uma sociedade individualista. Por outro lado, os mesmos autores classificam por sociedades coletivistas, aquelas que se organizam pela dinâmica das relações interpessoais em torno dos grupos a que indivíduos pertencem, criando-se uma interdependência e avaliação de ações e interações dos seus membros. Desta forma, a dimensão cultural de individualismo-coletivismo concebe a diversidade de comportamentos sociais, bem como a especificidade de relações interpessoais desenvolvidas pelos indivíduos na sociedade.

Na conceptualização de dinâmica de grupo parece estar presente um conceito estruturante que articula as diferentes individualidades, encarando a relação grupal e o indivíduo para além de uma dicotomia concebida. O conceito de interdependência surge como ponto fulcral quer na relação entre indivíduos do mesmo grupo, quer entre o grupo e o indivíduo, na medida em que num grupo é fundamental que cada indivíduo conheça as suas potencialidades e que as disponibilize para o grupo, assim como o grupo seja um espaço para o indivíduo desenvolver as suas capacidades (Alves & Seminotti, 2006).

Esta análise entre as dinâmicas de grupo e o indivíduo vem levantar algumas questões, nomeadamente no campo da formação do Homem, em que, a educação escolar contemporânea e não só, apresenta implicações na preparação do aluno para a vida em sociedade, não descurando nunca a sua individualidade (Duarte, 2004). Ao contemplar a complexidade humana, a educação escolar pode e deve formar os seus alunos para o conhecimento

profundo do “eu”, mas complementarmente para o trabalho e vida grupal, pois a produção e transmissão de conhecimento não deve ser estanque às metodologias formais, ou seja, a componente de interação e o desenvolvimento de um espírito crítico e cooperativo pode ser promovido.

Neste sentido, a disciplina de educação física, bem como a prática regular de atividades desportivas, pelas suas características, surgem como um contexto potencial e promotor deste tipo de dinâmicas e interações. Segundo Hills (2007), a educação física representa um espaço de dinâmica social onde os alunos experienciam e interpretam a sua fisicalidade em contextos que promovem interações e privilegiam formas particulares de personificação.

Deste modo, é objetivo deste artigo, através de um exercício de reflexão, problematizar a incoerência ou dúvida em torna da dinâmica de grupo e a individualidade, bem como analisar o espaço da educação física e do desporto na formação do indivíduo quer na sua dimensão individual, quer nas interações que estabelece com os diferentes grupos em que se insere, incluindo a sociedade que integra.

Desenvolvimento

Dinâmica de grupo vs individualidade

A dimensão individualismo vs coletivismo aparece intimamente ligada à natureza das relações que o indivíduo mantém com o grupo, em que o individualismo se caracteriza pela prevalência do interesse individual sobre o grupal e o coletivismo se sobrepõe aos interesses do grupo sobre os individuais. Nesta perspetiva, a vertente individualista promove indivíduos que se preocupam apenas consigo próprios e, por outro lado, o coletivismo vem promover a formação de grupos coesos que protegem o indivíduo em troca da sua lealdade (Hofstede, 1980, 1997).

No entanto, verifica-se uma grande diversidade terminológica e ideológica em torno dos dois polos do constructo individualismo-coletivismo, em que outros autores apresentam perspetivas distintas. Apesar das diferentes visões do objeto de estudo, a generalidade dos investigadores desta matéria observam esta dimensão numa dicotomia funcional, em que o individualismo apresenta domínios incompatíveis com os fatores que caracterizam o coletivismo.

Numa descrição conceptual, o individualismo focaliza o facto de os indivíduos serem independentes uns dos outros, em que é enfatizada a prevalência de direitos sobre as obrigações, assim como a preocupação consigo próprio e com a família que é próxima, a autonomia pessoal e a auto realização.

Por conseguinte, o individualismo resume-se à construção de uma identidade tendo como ponto de partida méritos, os atributos e as realizações pessoais (Hofstede, 1980).

Numa estrutura subjetivamente organizada em função da coletividade, Triandis e Gelfand (1988), complementam o quadro descritivo, salientando a relação do indivíduo com os vários grupos em que se insere, como por exemplo a família, o grupo de trabalho ou os clubes, definindo-os como conjuntos de pessoas que partilham um determinado atributo e fornecem-lhe uma identidade social positiva. No seu entender, o comportamento do indivíduo é moldado pelos objetivos de cada um destes grupos, ainda que esta relação entre indivíduo e grupo não tenha que ser estável e vitalícia em todos os contextos (Ciochinã & Faria, 2008).

Num panorama social e cultural o individualismo é característico por privilegiar uma experiência social organizada em indivíduos autónomos, enquanto o coletivismo caracteriza-se por fortes laços associativos aos grupos de pertença e a relações dissociativas formais com pessoas que são externas ao grupo (Triandis & Gelfand, 1988). Em análise a estas ideologias é possível identificar alguma incoerência, na medida em que os indivíduos autónomos não são isentos a uma experiência social e os grupos organizados podem apresentar-se como individualidades, mas que têm que estabelecer relações entre outros grupos e indivíduos externos ao seu grupo de pertença.

A análise da literatura sobre o individualismo e o coletivismo evidencia uma evolução da teorização destes constructos, de conceções apoiadas unicamente em aspetos relacionais associadas aos grupos para modelos conceituais mais amplos que incluem a construção de uma identidade pessoal, relações interpessoais, entre outras variáveis. Contudo, ainda se verifica alguma controvérsia em torno da teorização desta dialética, fruto da complexidade humana a que está inerente, na medida em que o universo motivacional do sujeito envolve crenças, valores, orientações para objetivos que sustentam os seus comportamentos e interações com outras pessoas (Ferreira, Assmar & Souto, 2002).

Neste sentido, as diferentes formas de ação e reflexão respetivas ao fenómeno grupo e indivíduo são, assumidamente, controversas. Estes dois polos colidem numa dicotomia entre indivíduo e grupo, transferível para a complexidade entre o todo e as partes. Perante o nível de análise que se efetua, o indivíduo pode desaparecer no grupo fazendo deste uma massa homogénea, ou podem ser vistos em interação, enfatizando as diferentes individualidades (Alves & Seminotti, 2006). Assim sendo, parece que os pensamentos e contradições em torno das exigências sociais e as necessidades individuais constituem um traço permanente na vida humana (Elias, 1994 citado por Alves & Seminotti, 2006).

No entanto, através do conceito de interdependência, é possível conceptualizar a dinâmica de grupo e a individualidade para além de domínios estanques e desintegrados, pois os processos interativos conduzem o indivíduo à problematização de ideias e conceitos já existentes, configurando novas formas de compreensão, motivação e de atuação. Deste modo, surge a possibilidade do indivíduo recriar de forma singular e única significados inerentes à sua subjetividade que respeitam as suas características e motivações específicas (Witzler, Palmieri & Branco, 2004). Posto isto, levanta-se uma perspetiva de uma relação de reciprocidade entre grupo e indivíduo e não uma dicotomia com domínios desfasados, ou seja, quantos grupos se transformam por intervenção ou por ação de um indivíduo e quantos indivíduos evoluem através dos grupos que integram?

Interdependência

Nos domínios referentes ao individualismo e coletivismo, respetivamente, apresentados por Hofstede (1980), a interdependência surge como domínio das dinâmicas grupais, enquanto a independência ou autonomia surge como elemento característico da individualidade. Por outro lado, verifica-se a possibilidade de existir uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e o grupo e não uma dicotomia como é apresentada pela história da investigação desta temática que é extensa e complexa.

Neste sentido, Jurberg (2000) citado por Palmieri et al (2004), acredita que no contexto de evolução da sociedade ocidental existe uma tendência das pessoas para se integrarem e identificarem com grupos sociais específicos, ou seja, o autor revela como é que uma vida social pautada em relações de cooperação pode ser promovida por atuação que ainda considerada individualista. Assim sendo torna-se controverso reduzir as explicações relativas às formas de participação social a princípios e domínios exclusivamente individualistas ou coletivistas, quando este posicionamento leva os indivíduos, ainda que de forma inconsciente, a se relacionarem com os outros de forma cooperativa (Palmieri et al., 2004).

Apesar da diversidade de conceitos, a interdependência é descrita pelo grau e modo nos quais os membros de um grupo dependem e confiam uns nos outros e requerem uma interação recíproca. Esta é uma relação que é determinada pela estrutura organizacional do grupo, ou seja, como estes cooperam e interagem entre si, assim como os objetivos que estão estruturados, moldando as interações emergentes no grupo. Assim sendo, o resultado da interdependência refere-se em que medida os membros do grupo são dependentes uns dos outros na realização pessoal e nos resultados do grupo (Johnson & Johnson, 2005).

Nesta perspectiva, diversos autores apresentam a construção social do indivíduo como uma história de relações com os outros, através da linguagem e através de transformações de representações concetuais no foro psicológico constituídas pelas interações entre o “eu e o outro” e por relações sociais mais amplas como papéis assumidos e configurados em lugares sociais. Assim sendo, a noção de indivíduo não pode estar associada apenas a uma personalidade com características estanques e uniformes que o inibem de interagir e evoluir contrariando a sua natureza (Rafael de Goés, 2000).

O indivíduo constrói-se e é moldado pelos resultados da história social, objetivando-se nessa mesma história, ou seja, a sua formação realiza-se por meio de uma relação entre objetivação e apropriação. Esta relação parte de interações concretas com outros indivíduos, que atuam como “pontes de mediação” entre ele e o mundo humano, o mundo da atividade humana objetivada. Contudo, a estrutura complexa da atividade humana não permite uma relação imediata entre o motivo e o objeto da atividade (Duarte, 2004). Na intenção de ilustrar esta questão, Leontiev citado por Duarte (2004, p. 53), diferencia a atividade da ação utilizando o exemplo da atividade coletiva de cação realizada por um grupo de seres humanos primitivos:

“O primeiro grupo, constituído pela maioria dos caçadores, ficaria à espreita num lugar previamente estabelecido, no qual seria mais fácil encurralar e abater o animal [...] A outra parte do grupo seria constituída por apenas um ou dois integrantes do grupo, que Leontiev chama de batedores. A função do batedor seria a de espantar os animais, mas com um propósito determinado, o de que os animais, ao fugirem dos batedores, corressem inadvertidamente para onde estavam à espreita os demais integrantes do grupo, que se encarregariam de encurralar e abater a caça. [...] Essa é a ação do batedor, esse é o conteúdo de sua ação. Se nós víssemos apenas essa ação, pela qual o indivíduo espanta os animais, e tivéssemos conhecimento apenas de que a necessidade (o motivo) que leva o batedor a agir é a fome, a necessidade de se alimentar da carne dos animais que ele acabou de espantar para longe de si, poderíamos concluir que a conduta desse indivíduo é desprovida de sentido, sendo até o oposto do que seria esperado, ou seja, que o indivíduo tentasse abater o animal e satisfazer sua fome. O que dá sentido à atividade desse indivíduo, ou seja, o que conecta sua ação com o motivo dessa ação? A resposta é: as relações sociais existentes entre ele e o restante do grupo ou, em outras palavras, o conjunto da atividade social.”

A apresentação deste exemplo permite compreender algo que é fundamental: a atividade humana, desde os seus primórdios, sempre foi coletiva, ou seja, o indivíduo é um ser social – um agregado de relações sociais. Este caso específico demonstra a necessidade que o indivíduo tinha em se organizar com outros, produzindo relações sociais para superar-se e desenvolver a sociedade. É neste percurso histórico que surge a forma de linguagem humana, fruto da necessidade de se relacionar e interagir com o outro (Duarte, 2004).

Um outro exemplo que protagoniza a necessidade de relação e interação na atividade humana prende-se com os jogos imaginários protagonizados pelas crianças no seu contexto de brincadeira. Esta atividade permite que a criança experiencie e recrie diferentes tipos de relação através dos seus “eus fictícios”, assumindo diversos papéis e moldando diferentes imagens de si e de outros membros da cultura. Deste modo, ao ser o eu e o outro, a criança produz e reproduz modelos sociais de vários espaços da cultura, traduzindo-se em experiências que permitem a sua singularização e construção da sua individualidade (Rafael de Goés, 2000).

De acordo com Evans, Eys e Bruner (2012), o nível de interdependência pode ser classificável através da sua origem, ou seja, como já referido dependendo da estrutura organizacional do grupo, mais concretamente contemplando três diferentes fontes:

- a) tarefa;
- b) resultado;
- c) tarefa e resultado.

Deste modo, o impacto da interdependência na dinâmica do grupo surge em aspetos organizacionais da tarefa, bem como no resultado que deveria influenciar não só o contexto do grupo, mas todos os indivíduos que o constituem. Perante o domínio e capacidade de análise destes níveis de interdependência, torna-se possível explorar e potenciar as dinâmicas do grupo e o desenvolvimento individual em função dos objetivos coletivos e dos objetivos individuais (Evans et al., 2012).

No entanto, a relação de interdependência que aqui se retrata, característica da atividade humana, não desvirtua a necessidade de construir um indivíduo livre e autónomo. No conceito de liberdade entendido por Marx citado por Duarte (2004), o autor refere que o ser humano constrói a sua liberdade à medida que os processos sociais decorrem fruto de decisões coletivas e conscientes, superando os processos sociais alienados.

A educação física e a atividade desportiva: um espaço grupal e individual

A reflexão que tem vindo a ser efetuada ao longo da abordagem desta temática apresenta um contributo importante para os processos educativos contemporâneos, na medida em um dos grandes desafios da educação contemporânea passa por formar o indivíduo para além dos conteúdos curriculares, ou seja, não permitir que este processo se torne uma transmissão estanque de conteúdos desintegrados e descontextualizados (Duarte, 2004).

Neste panorama evolutivo, a educação física escolar sofreu uma forte influência das instituições militares, sendo numa fase inicial implementada através de métodos ginásticos, com o objetivo de desenvolver a força física. Os objetivos e propostas de prática eram centrados na valorização da aptidão física e rendimento desportivo, contudo foram surgindo novos rumos que fizeram da educação física, uma prática eminentemente pedagógica (Lutz, Telles & Ferreira, 2014). Ainda assim, Almeida (2004) citado por Lutz et al. (2014), critica a disciplina, quando diversas instituições apresentam a sua cultura reduzida a atividades com bola, atenuando a elevada possibilidade do aluno ampliar a sua cultura num espaço tão amplo e interessante. A dissociação entre o corpo e mente enfoca a ideia de que será possível educar o corpo, quando na realidade o que se educa é o indivíduo (Massa, 2002).

Nesta perspetiva, a educação física e a prática da atividade desportiva representam uma área distinta dentro do contexto escolar, em que se enfatiza o desenvolvimento corporal e das habilidades físicas através de oportunidades únicas de interação social entre pares. Este espaço que integra o currículo escolar, diferencia-se pelo facto de os alunos disporem de momentos para desenvolver as suas habilidades, construir confiança, aumentar o conhecimento sobre atividades saudáveis e interagir positivamente com os colegas (Hills, 2007).

Assim sendo, a aprendizagem cooperativa surge como um modelo de ensino que representa uma participação significativa, com tarefas centradas no aluno e que exigem experiências desafiadoras e autênticas para os mesmos. A dinâmica de grupo num processo de ensino-aprendizagem cooperativo permite que os alunos assumam papéis de responsabilidade fruto da interdependência que é colocada nas tarefas, enquanto se encontram em interação social constante (Dyson, Griffin & Hastie, 2004).

Conclusões

O Homem, enquanto ser social transforma-se na relação com os outros, contribuindo para a sua evolução e para a dos grupos sociais em que se insere, assim como para o desenvolvimento sociedade e do conhecimento. Deste modo, surge a importância de responder às necessidades do ser humano, ou seja, é fundamental que as metodologias de ensino contemplem e otimizem as dinâmicas grupais no sentido de desenvolver as capacidades e potencialidades de cada indivíduo.

A educação física pelo grande leque de matérias que apresenta e pela potencialidade de manipular as situações de ensino-aprendizagem de acordo com a intencionalidade que se estabelece, pode afirmar-se como um espaço de aprendizagem grupal e individual. Neste sentido, é estruturante que os orientadores do processo de ensino-aprendizagem contemplem a formação de grupos potenciadores e geradores de aprendizagem.

Neste panorama, pretende-se sensibilizar os profissionais e agentes educativos, nomeadamente na área da educação física e do desporto, para a importância das relações de interação no quotidiano dos indivíduos, bem como as repercussões de tais práticas, atividades e experiências no que concerne à formação do indivíduo e da sociedade.

Referências bibliográficas

- Alves, M.C. & Seminotti, N. (2006). O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin. *Psicologia USP*, 17(2), 113-133.
- Ciochinã, L. & Faria, L. (2008). Individualismo-coletivismo: Dos aspectos conceituais às questões de avaliação. *Análise psicológica*, 4(26), 537-549.
- Ferreira, M. C., Assmar, E. M. & Souto, S. (2002). O individualismo e o coletivismo como indicadores de culturas nacionais: convergências e divergências teórico-metodológicas. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 81-89.
- Hills, L. (2007). Friendship, physicality and physical education: An exploration of the social and embodied dynamics of girls' physical education experiences. *Sport, Education and Society*, 12(3), 317-336.
- Hofstede, G. (1980). Motivation, leadership and organization: Do American theories apply abroad?. *Organizational dynamics*, 9(1), 42-63.
- Oyserman, D., Coon, M. & Kemmelmeier, M. (2002). Rethinking individualism and collectivism: Evaluation of theoretical assumptions and meta-analyses. *Psychological bulletin*, 128(1), 3-72.
- Rafael de Goés, M. C. (2000). A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet. *Educação & Sociedade*, 1, 116-131. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a05v2171.pdf>
- Schwartz, S. H. & Ros, M. (1995). Values in the West: A theoretical and empirical challenge to the individualism-collectivism cultural dimension. *World Psychology*, 1, 91-122.
- Waistell, J. (2011). Individualism and collectivism in business school pedagogy: A research agenda for internationalizing the home management student. *Higher Education Research & Development*, 30(5), 595-607.
- Triandis, H.C., Bontempo, R. Villareal, M.J., Asai, M. & Lucca, N. (1988). Individualism and collectivism: Cross-cultural perspectives on selfing-group relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 323-338.
- Triandis, H.C. & Gelfand, M.J. (1998). Converging measurement of horizontal and vertical individualism and collectivism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 118-128.